

# Poema da Era do Romantismo

“Se eu morresse amanhã”, de Álvares de Azevedo

Se eu morresse amanhã, viria ao menos Fechar meus  
olhos minha triste irmã;

Minha mãe de saudades morreria Se eu morresse  
amanhã!

Quanta glória pressinto em meu futuro! Que aurora  
de porvir e que amanhã!

Eu perdera chorando essas coroas Se eu morresse  
amanhã! Que sol! que céu azul!

que doce n'alva Acorda a natureza mais louçã!

Não me batera tanto amor no peito Se eu morresse  
amanhã!

Mas essa dor da vida que devora A ânsia de glória, o  
doloroso afã...

A dor no peito emudecera ao menos Se eu morresse  
amanhã!

[...] Dizei-me vós, Senhor Deus! Se é loucura... se é verdade Tanto horror perante os céus?! Ó mar, por que não apagas Co'a esponja de tuas vagas De teu manto este borrão?... Astros! noites! tempestades! Rolai das imensidades! Varrei os mares, tufão! [...] São os filhos do deserto, Onde a terra esposa a luz. Onde vive em campo aberto

A tribo dos homens nus... São os guerreiros ousados Que com os tigres mosqueados Combatem na solidão. Ontem simples, fortes, bravos. Hoje míseros escravos, Sem luz, sem ar, sem razão... [...] Depois, o areal extenso... Depois, o oceano de pó. Depois no horizonte imenso

Desertos... desertos só... E a fome, o cansaço, a sede... Ai! quanto infeliz que cede, E cai p'ra não mais s'erguer!... Vaga um lugar na cadeia, Mas o chacal sobre a areia Acha um corpo que roer.[...] Hoje... o porão negro, fundo, Infecto, apertado, imundo, Tendo a peste por jaguar... E o sono sempre cortado Pelo arranco de um finado, E o baque de um corpo ao mar... [...]

- Castro Álvares

Um dos poemas mais conhecidos do Romantismo, considerado integrante da 2ª geração é “Meus oito anos”, de Casemiro de Abreu. MEUS OITO ANOS Oh! que saudades que tenho Da aurora da minha vida, Da minha infância querida Que os anos não trazem mais! Que amor, que sonhos, que flores, Naquelas tardes fagueiras À sombra das bananeiras, Debaixo dos laranjais! Como são belos os dias Do despontar da existência! — Respira a alma inocência Como perfumes a flor; O mar é — lago sereno, O céu — um manto azulado, O mundo — um sonho dourado, A vida — um hino d’amor! Que aurora, que sol, que vida, Que noites de melodia Naquela doce alegria, Naquele ingênuo folgar! O céu bordado d’estrelas, A terra de aromas cheia As ondas beijando a areia E a lua beijando o mar! Oh! dias da minha infância! Oh! meu céu de primavera! Que doce a vida não era Nessa risonha manhã! Em vez das mágoas de agora, Eu tinha nessas delícias De minha mãe as carícias E beijos de minhã irmã! Livre filho das montanhas, Eu ia bem satisfeito, Da camisa aberta o peito

Gonçalves Dias: Canção do exílio  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá;  
As aves, que aqui gorjeiam,  
Não gorjeiam como lá.  
Nosso céu tem mais estrelas,  
Nossas várzeas têm mais flores,  
Nossos bosques têm mais vida,  
Nossa vida mais amores.  
Em cismar, sozinho, à noite,  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.  
Minha terra tem primores,  
Que tais não encontro eu cá;  
Em cismar — sozinho, à noite —  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.  
Não permita Deus que eu morra,  
Sem que eu volte para lá;  
Sem que desfrute os primores  
Que não encontro por cá;  
Sem qu'inda aviste as  
palmeiras, Onde canta o Sabiá.